



*Jornal de Questões Sociais*, vol. 75, n° 1, 2019, pp. 189--216  
doi: 10.1111/josi.12305

Este artigo faz parte da Edição Especial "A Psicologia Social do Neoliberalismo", Karim Bettache e Chi-Yue Chiu (Editores da Edição Especial). Para obter uma lista completa de artigos de edição especial, consulte: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/josi.2019.75.issue-1/issue toc>.

## **A Psicologia do Neoliberalismo e o Neoliberalismo da Psicologia**

**Glen Adams\* e Sara Estrada-Villalta**

*Universidade do Kansas*

**Daniel Sullivan**

*Universidade do Arizona*

**Avelã Rosa Markus**

*Universidade de Stanford*

*Neste artigo, abordamos a relação entre neoliberalismo e ciência psicológica a partir da perspectiva teórica da psicologia cultural. Na primeira seção, traçamos como o envolvimento com os sistemas neoliberais resulta em tendências características – incluindo uma abstração radical do eu do contexto social e material, uma compreensão empreendedora do eu como um projeto de desenvolvimento contínuo, um imperativo para o crescimento e realização pessoal e uma ênfase no gerenciamento de afeto para autorregulação – que cada vez mais constituem a base de conhecimento da ciência psicológica dominante. No entanto, como consideramos na segunda seção, a ciência psicológica não é apenas um observador do neoliberalismo e seu impacto na experiência psicológica. Em vez de, estudando processos psicológicos independentes do contexto cultural-ecológico ou histórico e defendendo o crescimento individual e a regulação afetiva como a chave para o bem-estar ideal, os cientistas psicológicos reproduzem e reforçam a influência e a autoridade dos sistemas neoliberais. Em vez de um espectador desinteressado, as formas hegemônicas da ciência psicológica estão completamente implicadas no projeto neoliberal.*

---

\*A correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a Glenn Adams, Departamento de Psicologia, Universidade de Kansas, 1415 Jayhawk Blvd., Lawrence, KS 66045-7556, EUA. Tel: (785) 864-9481 [E-mail: [adamsg@ku.edu](mailto:adamsg@ku.edu)].

O Grupo de Pesquisa em Psicologia Cultural da Universidade do Kansas ofereceu um valioso feedback sobre um rascunho inicial do artigo. O Jack Brehm Fund for Basic Research in Social Psychology forneceu apoio ao projeto.

Um crescente corpo de trabalho considerou o impacto dos sistemas neoliberais na experiência psicológica (Bay-Cheng, Fitz, Alizaga, & Zucker, 2015; Bhatia & Priya, 2018; Teo, 2018). No entanto, a ciência psicológica não é apenas um observador do neoliberalismo e seu impacto na mente e no comportamento. Em vez disso, produtos de conhecimento e práticas da ciência psicológica reproduzem, legitimam e reforçam a autoridade do neoliberalismo e sua colonização da vida cotidiana (Arfken, 2018; Pickren, 2018; Teo, 2018). A partir desta perspectiva, uma explicação adequada da psicologia do neoliberalismo requer uma interrogação do neoliberalismo na psicologia.

Neste artigo, nos baseamos na perspectiva teórica da psicologia cultural para iluminar a relação mutuamente constitutiva do neoliberalismo e da ciência psicológica ao longo de duas rotas principais. Começamos traçando como o movimento neoliberal moldou a experiência psicológica e, portanto, a base de conhecimento da ciência psicológica dominante. Os sistemas neoliberais baseiam-se e reforçam tendências psicológicas características do individualismo liberal – incluindo a abstração radical do eu do contexto, uma compreensão empreendedora do eu como um projeto de desenvolvimento contínuo, um imperativo para o crescimento e realização pessoal e uma ênfase na gestão do afeto para a autorregulação. – que cada vez mais informam as concepções dominantes da mente em geral. Consideramos então como as formas hegemônicas da ciência psicológica, deliberada ou involuntariamente, foram cúmplices de projetos neoliberais. Ao estudar os processos psicológicos independentes do contexto cultural-ecológico ou histórico e ao defender o crescimento individual e a regulação afetiva como a chave para o bem-estar ideal, os psicólogos emprestam autoridade científica à ideologia neoliberal, concedem-lhe legitimidade e amplificam sua influência – mesmo que possam pretender fazer o contrário.

É claro que a ciência psicológica está longe de ser monolítica. A relação com o neoliberalismo pode ser mais precisamente evidente para *formas hegemônicas da ciência psicológica*. Usamos essa frase para nos referirmos a entendimentos que emergiram de pesquisas entre pessoas em ambientes que são ocidentais, educados, industriais, ricos e (supostamente) democráticos – em uma palavra, ESTRANHOS (Henrich, Heine e Norenzayan, 2010) – mas têm tornam-se padrões globais através de processos de imperialismo intelectual e cultural. A relação com o neoliberalismo pode ser menos evidente nas tradições da psicologia – por exemplo, psicologia cultural (Adams & Kurtiş, 2018), psicologia indígena (Kim & Berry, 1993) e psicologia da libertação (Martín-Baró, 1994) – com fundamentos epistêmicos fora das configurações ESTRANHAS que informam desproporcionalmente a ciência psicológica hegemônica. De fato, essas perspectivas podem fornecer recursos para resistência e iluminar alternativas potenciais para uma psicologia neoliberal.

### **O Neoliberalismo Impacta a Experiência Psicológica**

Com base no referencial teórico da psicologia cultural, abordamos o neoliberalismo como forma cultural: padrões de ideias e suas manifestações materiais.

em instituições, práticas e artefatos (Adams & Markus, 2004). As discussões sobre o neoliberalismo costumam se referir a um movimento econômico e político que ganhou destaque no final da década de 1970. A agenda econômica defendia a desregulamentação dos mercados e a livre circulação de capitais com ênfase na fluidez e na globalização (Harvey, 2005). A agenda política defendida *democracia mínima* que limitava o papel do governo às tarefas de assegurar os direitos de propriedade e assegurar o bom funcionamento dos mercados. Associado a essa agenda política neoliberal estava um entendimento da sociedade civil como um conjunto de entidades individuais que se relacionam umas com as outras como competidoras em busca de seus próprios interesses.

Essas manifestações econômicas e políticas de padrões culturais neoliberais têm vínculos com um conjunto de filosofias sociais e visões de mundo que guardam forte semelhança com o liberalismo clássico. No entanto, o neoliberalismo se desvia do liberalismo clássico em sua ênfase na liberdade – especialmente nas restrições ao crescimento e à autoexpressão (Deleuze & Guattari, 1980/2004) – acima de outros valores liberais (por exemplo, igualdade e obrigação cívica). As expressões socioculturais do neoliberalismo estendem a lógica do capitalismo liberal baseado no mercado a todos os aspectos da vida, incluindo amor, família e obrigação cívica (por exemplo, Harvey, 2005; Klein, 2017a; Teo, 2018). A ênfase na liberdade e na autodeterminação é atraente, especialmente para pessoas em ascensão, ansiosas por transcender as restrições na busca de suas aspirações. Contudo,

Assim como o neoliberalismo ressoa e amplifica alguns aspectos do liberalismo clássico, também o envolvimento com os sistemas neoliberais ressoa e amplifica (alguns) hábitos mentais individualistas liberais que constituíram desproporcionalmente a base de conhecimento da ciência psicológica hegemônica. Resumimos esses caminhos neoliberais sob os quatro temas que aparecem na coluna esquerda da Tabela 1. Eles incluem (1) uma sensação de liberdade das restrições que proporciona uma experiência de abstração radical do contexto; (2) a criação de um self empreendedor como projeto de desenvolvimento contínuo; (3) um imperativo para o crescimento individual e realização pessoal como a chave para o bem-estar; e (4) uma ênfase na regulação dos afetos como chave para o sucesso pessoal.

### *Abstração Radical*

Uma primeira e talvez principal característica dos modos de ser neoliberais é uma sensação de liberdade de coerção – a *liberal* em neoliberal – que reflete e proporciona uma experiência de abstração radical do contexto. A ideia de abstração radical é um conceito-chave que distingue o neoliberalismo do liberalismo clássico, e encontra expressão na ênfase *desterritorialização* e *fluidez* que visam eliminar

Tabela 1. Características Primárias do Neoliberalismo na Psicologia

R: Característica do neoliberalismo	B: Implicação para a experiência psicológica	C: Papel da psicologia na reprodução
<b>Abstração radical</b> (de pessoa de lugar, tempo, contexto social e material)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mobilidade relacional (experiência de escolha sobre criação e dissolução de laços relacionais)</li> <li>- Identificação condicional (ou seja, escolha sobre investir em solidariedades coletivas)</li> <li>- Liberdade de restrições à ação via deslocamento espacial e temporal de consequências negativas</li> <li>- Exploração, inovação e cultivo de si mesmo para criar e estender uma marca comercializável</li> <li>- Priorização de um eu que assume riscos e assume a responsabilidade pelo próprio sucesso (e fracasso)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abstração metodológica: prioridade de padrões WEIRD, experimentos de laboratório, neutralidade de valor</li> <li>- Individualismo ontológico: redução de fenômenos coletivos (por exemplo, racismo, bem-estar) a agregação de experiência individual</li> </ul>
<b>Eu empreendedor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração, inovação e cultivo de si mesmo para criar e estender uma marca comercializável</li> <li>- Priorização de um eu que assume riscos e assume a responsabilidade pelo próprio sucesso (e fracasso)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Essencialismo psicológico: teste de habilidade, avaliação de traços</li> <li>- Responsabilidade: culpar o infortúnio por más escolhas</li> </ul>
<b>Imperativo de crescimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Liberdade para perseguir as principais aspirações, objetivos, escolhas</li> <li>- Liberdade de obrigações, expectativas, normas</li> <li>- Requer exploração e elaboração de preferências autênticas.</li> <li>- Ênfase na auto-expansão, florescimento e realização pessoal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perspectivas influentes: mindset de crescimento, autodeterminação, autocontrole, apego, psicologia positiva</li> <li>- Concepção individualista de empoderamento</li> </ul>
<b>Gerenciamento de efeitos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ênfase no afeto positivo de alta excitação (excitação, otimismo, entusiasmo) como índice de saúde e moralidade</li> <li>- Produção de ansiedade devido à assxxvulção de risco</li> <li>- Afete a regulação como chave para o sucesso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amor como realização</li> <li>- Movimento de autoestima</li> <li>- estudos da felicidade</li> </ul>

**Observação.** Definimos o neoliberalismo como um padrão cultural que inclui tanto (a) uma agenda político-econômica que enfatiza o governo limitado e a desregulamentação dos mercados; quanto (b) uma ideologia cultural que enfatiza a liberdade sobre outros valores liberais (por exemplo, igualdade). A tabela delimita quatro características do neoliberalismo (Coluna A), resume as consequências dessas características para a experiência psicológica (Coluna B) e resume a contribuição da ciência psicológica para a reprodução dessas características (Coluna C).

barreiras ao movimento ou crescimento do capital (Deleuze & Guattari, 1980/2004). No nível socioeconômico, pode-se observar essa característica no fenômeno da globalização. Uma função importante de instituições globais como o Fundo Monetário Internacional tem sido implementar reformas econômicas para permitir o livre fluxo de capital, de modo que os caprichos dos processos locais (especialmente no Sul Global) não funcionem mais como limites à expansão (Graeber, 2014). Da mesma forma, pode-se observar essa característica no fenômeno da financeirização: descolamento da riqueza de fontes localizadas ou relações concretas (por exemplo, investimentos industriais, bancos) em favor de ativos mais fluidos ou líquidos (por exemplo, mercados financeiros) que permitem troca e liberdade de escolha (Duménil & Levy, 2011).

No plano cultural-psicológico, as ênfases na desterritorialização e fluidez se manifestam como forma de mobilidade e independência radical do contexto local (Oishi, Schug, Yuki, & Axt, 2015). Do lado positivo, a experiência de mobilidade e liberdade de restrições materiais e sociais permite que as pessoas acessem a educação e outras oportunidades, concedendo-lhes maior agência ou capacidade para perseguir suas aspirações (Sen, 1999) e escolher conexões sociais satisfatórias (Oishi et al., 2015). Além disso, a liberdade de mobilidade aumenta o contato intergrupal e a experiência multicultural, o que pode ter efeitos positivos na tolerância, consciência intercultural e criatividade pessoal (ver Shweder, Minow e Markus, 2002). Da mesma forma, os ambientes que proporcionam mobilidade estão associados à abertura interpessoal e à confiança geral (Schug, Yuki, & Maddux, 2010; Thomson et al., 2018)

No entanto, a experiência de abstração do contexto tem consequências negativas que muitas vezes são menos aparentes. A mobilidade associada aos sistemas neoliberais está associada a processos de padronização cultural à medida que atores móveis buscam e criam produtos familiares (por exemplo, cadeias de lojas; Oishi, Miao, Koo, Kisling, & Ratliff, 2012). A padronização apaga a identidade local – incluindo o tipo de conhecimento cultural que fornece uma base epistêmica para questionar o status quo e imaginar alternativas (Sugarman, 2015; Teo, 2018) – à medida que transforma padrões culturais para facilitar o consumo e contribui para o domínio cultural das formas globais hegemônicas. Como a mobilidade capacita as pessoas a escolher conexões satisfatórias, ela contribui para a identificação condicional que pode minar a solidariedade coletiva e a participação da comunidade (Oishi, Ishii, & Lun, 2009), particularmente quando exige que as pessoas assumam responsabilidades e obrigações necessárias, mas potencialmente onerosas. Além disso, maior mobilidade não necessariamente se traduz em bem-estar psicológico; pessoas em regiões dos Estados Unidos caracterizadas por alta mobilidade espacial têm melhor acesso a recursos como saúde e alimentos frescos, mas não relatam maior satisfação com a vida (Keefer, Stewart, Palitsky, & Sullivan, 2017).

Talvez a consequência negativa mais importante seja o deslocamento dos custos necessários para preservar o sentido neoliberal de liberdade das restrições. O deslocamento espacial acontece quando comunidades abastadas terceirizam práticas de produção violentas e subprodutos nocivos para comunidades empobrecidas (Davis, 2006).

O deslocamento temporal acontece quando os consumidores presentes hipotecam o futuro, repassando dívidas financeiras e consequências ecológicas para as gerações futuras (Graeber, 2014; Lazzarato, 2015). Ambas as formas de deslocamento permitem uma sensação de liberdade não eliminando consequências negativas que de outra forma restringiriam a ação, mas transferindo essas consequências negativas para outro lugar e tempo.

### *Auto Empreendedor*

No neoliberalismo. . . *Homo œconomicus* [é] um empresário de si mesmo. . . sendo para si seu próprio capital, sendo para si seu próprio produtor" (Foucault, 2008, p. 226)

Os processos neoliberais de desterritorialização e abstração do contexto intensificam a responsabilidade pela auto-autoria radical. A liberdade de agir de acordo com suas qualidades essenciais ou aspirações definidoras, sem restrições de tempo e lugar, fomenta uma *eu empreendedor* como um projeto de desenvolvimento contínuo. O self empreendedor representa tanto uma intensificação quantitativa quanto uma diferença qualitativa das tendências associadas aos selfways independentes. Enquanto *auto-interpretação interdependente* marca tendências para se adaptar às demandas do ambiente social e material, e *autoconstrução independente* marca tendências para moldar o ambiente para melhor servir o senso de si mesmo autêntico, o conceito de *eu empreendedor* marca uma tendência de se desenvolver como produto ou marca em resposta às demandas do mercado social e econômico (Gershon, 2011).

O eu empreendedor baseia-se em duas grandes tradições do pensamento europeu-americano: (1) individualismo "utilitário" ou "vertical" e (2) individualismo "expressivo" ou "horizontal" (Bellah, Madsen, Sullivan, Swidler, & Tipton, 1985; Triandis, 1995). A primeira tradição deriva das teorias do contrato social do Iluminismo e de ideologias como a Ética do Trabalho Protestante. Enfatiza a liberdade econômica de adquirir propriedade privada, trocar bens e serviços e ter sucesso ou fracasso de acordo com os méritos de uma pessoa. A segunda tradição está mais associada a movimentos como o romantismo e o pós-modernismo. Ele enfatiza a liberdade política e social para a autodeterminação e auto-realização. Tradicionalmente, essas concepções têm sido um tanto conflitantes; filósofos liberais clássicos e conservadores políticos defendiam o individualismo utilitário, mas os defensores do estado de bem-estar social ou do socialismo democrático defendiam o individualismo expressivo (Bellah et al., 1985). O neoliberalismo unifica essas duas tradições em uma concepção ultraindividualista da pessoa como o eu empreendedor.

A pesquisa documentou a ascensão do eu empreendedor desde o início do movimento social neoliberal na década de 1970. Análises longitudinais de livros publicados nos Estados Unidos (Greenfield, 2013) e linguagem de mídia na Noruega (Nafstad, Blakar, Carlquist, Phelps, & Rand-Hendriksen, 2007) mostram um aumento da frequência nos últimos 40 anos para palavras relacionadas ao eu empreendedor (por exemplo, *escolher*, *direito* ou *direito*, *sentir*), mas diminuiu a frequência de palavras relacionadas à solidariedade coletiva (por exemplo, *obrigado*, *comum/comum*, *agir*). De outros

A pesquisa documentou um “tipo de personalidade empreendedora” (Obschonka et al., 2013) – pontuando alto em extroversão, abertura e consciência, mas baixo em amabilidade e neuroticismo – e mostrou que a prevalência desse tipo nos Estados Unidos, o Reino Unido e Alemanha estão associados à prosperidade regional e maior atividade empreendedora (por exemplo, startups). À medida que a desigualdade de renda nesses países cresceu, as pessoas que exibem esses traços de personalidade empreendedora floresceram. Enquanto isso, as pessoas que exibem traços mais adaptáveis à interdependência – e às regiões onde vivem – experimentaram o empobrecimento.

*Imperativo de crescimento*

Os sistemas neoliberais promovem eus empreendedores que buscam continuamente o crescimento, o autodesenvolvimento e o refinamento de seu próprio capital. Os sistemas neoliberais fazem isso não apenas fornecendo um senso de *liberdade de restrições* (incluindo a interferência de outros opressores que iriam impor regras e regulamentos), mas especialmente fornecendo *liberdade para perseguir* definir aspirações - fazer o que você quer ou o que você gosta - e, assim, alcançar a felicidade e o bem-estar (ver Berlim, 1958, sobre liberdade negativa e positiva). A Declaração de Independência dos EUA afirma a vida, a liberdade e a busca da felicidade como direitos inalienáveis de indivíduos separados e abstratos. O individualismo neoliberal dá uma forma particular a essa busca da felicidade: eus felizes são aqueles que estão em movimento, física e psicologicamente. Estar bem nos sistemas neoliberais requer eus que são fluidos, mutáveis e crescentes. Eles assumem riscos; buscar novas oportunidades; e adquirir novas habilidades, talentos, interesses e preferências.

As oportunidades de escolha são fundamentais para esse imperativo neoliberal de crescimento. Escolha não só *permite* pessoas se expressarem e suas preferências; na verdade, escolha *necessita* a elaboração de preferências. Os eus empreendedores devem desenvolver preferências, atitudes e objetivos que recrutam e implementam para navegar em mundos cotidianos que exigem que façam boas escolhas. A escolha permite que as pessoas se individualizem, revelem sua singularidade e exerçam controle com o objetivo de obter exatamente o que desejam em qualquer situação. Com a escolha, os indivíduos tornam-se os árbitros do que parece, prova, sente ou, de fato, é bom e verdadeiro. Os eus empreendedores formados nas ecologias culturais do individualismo neoliberal desenvolvem hábitos para vivenciar a vida cotidiana em termos de oportunidades de escolha e construir seu comportamento como produto de suas próprias escolhas (Savani, Markus, Naidu, Kumar, & Berlia, 2010; Sugarman, 2015). ; Teo, 2018).

O exercício de escolha tem consequências comprovadamente positivas para a motivação individual, saúde e bem-estar psicológico (por exemplo, Patall, Cooper, & Robinson, 2008; Iyengar, 2010), mas essas consequências não são distribuídas igualmente entre os contextos socioeconômicos. Esses benefícios são particularmente evidentes para pessoas em ambientes superprivilegiados (p.

escolhas entre boas alternativas. As realidades cotidianas das pessoas nesses ambientes não apenas lhes concedem escolhas sobre como viver suas vidas, mas também as encorajam a se expressar por meio das escolhas que fazem. Quando as realidades locais permitem um fácil exercício de escolha, tudo – incluindo relacionamentos (Adams, Anderson, & Adonu, 2004; Carey & Markus, 2017) – pode ser uma questão de escolha. As pessoas experimentam a liberdade de exercer essa escolha para contratar relacionamentos que ofereçam oportunidades ótimas de autoexpansão (Aron, Aron, Tudor, & Nelson, 1991; Aron, Lewandowski, Mashek, & Aron, 2013).

Embora a ênfase neoliberal na escolha auto-expressiva possa proporcionar uma experiência de autonomia e liberdade para perseguir aspirações cada vez maiores, pesquisas sugerem que isso não ocorre sem custos. Um excesso de escolha está associado a experiências de paralisia e insatisfação com as próprias decisões (por exemplo, Botti & Iyengar, 2004). Além disso, a ênfase na escolha individual contribui para o discurso neoliberal de responsabilização individual, segundo o qual as pessoas entendem os problemas sociais como resultado de más escolhas individuais. Por exemplo, estudos mostram que o envolvimento na escolha pode aumentar as tendências de culpabilização da vítima, pode reduzir a empatia e pode reduzir o apoio às políticas de bem-estar social (Savani, Stephens, & Markus, 2011).

#### *Gerenciamento de Efeitos*

Devemos pensar o consumo como uma atividade empresarial pela qual o indivíduo, justamente a partir do capital de que dispõe, produzirá algo que será sua própria satisfação (Foucault, 2008, p. 226).

A sociedade como um todo não será solicitada a garantir indivíduos contra riscos. . . . A sociedade, ou melhor, a economia, apenas [concederá] a todos uma espécie de espaço econômico dentro do qual possam assumir e enfrentar os riscos (Foucault, 2008, p. 144).

Os sistemas neoliberais estão associados a uma ênfase nos sentimentos (além da racionalidade iluminista) que alguns observadores chamam de “virada afetiva” (Anderson, 2016). Parte do motivo da ênfase nos sentimentos tem a ver com a ênfase na liberdade de escolha e na busca da felicidade que Foucault observa na primeira passagem que citamos acima. Diante de uma ampla gama de escolhas em um mundo cada vez mais mercantilizado, saber o que se gosta ou prefere se torna mais importante do que nunca como um guia para ajudar uma pessoa a navegar na superabundância de possibilidades. O afeto positivo é particularmente importante, tanto como objetivo de escolha quanto como evidência de que se fez a escolha certa.

A ênfase em sentir-se bem é um ingrediente ativo em muitos resultados comportamentais positivos. Tal como acontece com o imperativo do crescimento, no entanto, o significado de sentimentos positivos como um estado desejado ou ideal ganha legitimidade particular em contextos individualistas neoliberais. A maioria das pessoas quer sentir estados positivos mais do que negativos, e a liberdade de escolha associada ao senso individualista neoliberal de abstração do contexto oferece a oportunidade de buscar tais estados positivos. Consistente com esta afirmação, a pesquisa sugere que a diferença na preferência



para estados positivos sobre negativos é maior em ambientes associados ao individualismo neoliberal (para uma revisão, ver Tsai & Clobert, 2019). O aumento do afeto positivo é evidente no discurso social, onde frases como “Você tem que acreditar em si mesmo antes que qualquer coisa seja possível” ou “Você tem que se amar antes de poder amar outra pessoa” tornou-se relativamente frequente após 1980 (Twenge, 2006). ).

Outra razão para a ênfase neoliberal nos sentimentos tem a ver com a ênfase no risco empresarial que Foucault observa na segunda passagem que citamos acima. O eu empreendedor não é apenas autossuficiente, mas busca ativamente riscos em empreendimentos inovadores para aumentar seu valor. Tal busca de risco requer excitação fisiológica. Assim, as pessoas que se envolvem regularmente em ambientes informados pelo individualismo neoliberal tendem a valorizar o que Tsai (2007) chama de *alta excitação positiva* estados como excitação, energia e entusiasmo. Esses estados energizam as pessoas a se engajarem no arriscado negócio do autodesenvolvimento empreendedor.

Ao mesmo tempo, esses riscos podem gerar uma ansiedade considerável. A experiência neoliberal de liberdade das restrições pode liberar as pessoas para alcançar aspirações e realização pessoal, mas também as torna as únicas responsáveis pelo sucesso e enfraquece solidariedades mais amplas que, de outra forma, poderiam amortecer o fracasso (Teo, 2018). Diante de tal ansiedade, o comportamento bem-sucedido torna-se uma questão de regulação dos afetos. Deve-se perseguir e amplificar os sentimentos positivos, evitando, ressignificando ou regulando negativamente os sentimentos negativos (Cabanas, 2018).

Para concluir nossa discussão inicial a título de resumo, uma abordagem cultural-psicológica esclarece como os sistemas neoliberais proporcionam hábitos mentais e modos de ser aos quais nos referimos como *selfways* neoliberais. As características centrais desses modos de ser neoliberais incluem um senso de abstração radical do contexto social e material, uma abordagem empreendedora do eu como um projeto de desenvolvimento contínuo, um imperativo para o crescimento individual e realização pessoal e uma ênfase na regulação dos afetos. Por sua vez, essas características centrais dos costumes neoliberais informam cada vez mais os modelos hegemônicos de subjetividade na ciência psicológica dominante. De fato, pode-se entender muito da base de conhecimento na ciência psicológica como ela se desenvolveu ao longo do último meio século como um relato descritivo da vida nos sistemas neoliberais.

### **A ciência psicológica como local de reprodução de sistemas neoliberais**

A seção anterior considera como os sistemas neoliberais promovem os hábitos mentais que constituem as normas descritivas da ciência psicológica hegemônica – o que os cientistas entendem ser os padrões típicos do ser humano normal. No entanto, a influência da ciência psicológica não é meramente um relato descritivo da experiência humana; além disso, as pessoas se apropriam ativamente da base de conhecimento da psicologia para promover alguns hábitos mentais e modos de ser em detrimento de outros. Atores institucionais pegam os autos neoliberais documentados na pesquisa psicológica, elevam-nos ao nível do padrão natural, investem-nos de força prescritiva,

e impô-los às práticas institucionais de regulação social (Klein, 2017a, 2017b). Longe de ser um espectador desinteressado, as formas hegemônicas da ciência psicológica fornecem uma base epistêmica para – e às vezes participam – da naturalização, legitimação e institucionalização do neoliberalismo e suas consequências. Nesta seção, consideramos como as formas hegemônicas da ciência psicológica contribuíram para a reprodução dos sistemas neoliberais.

Em alguns casos, essa contribuição tem sido relativamente indireta. Ou seja, a ciência psicológica forneceu a base de conhecimento que os proponentes do neoliberalismo se apropriaram como uma ferramenta útil. Os arquitetos intelectuais do neoliberalismo elaboraram essa visão de mundo a partir de uma epistemologia que priorizava a psicologia e a experiência subjetiva em detrimento de perspectivas mais sociológicas e culturais (Gane, 2014). Devido à importância que o neoliberalismo atribui ao investimento em capital humano como fonte de criatividade, crescimento e expansão (Foucault, 2008), os proponentes têm priorizado a psicologia como fonte científica de técnicas para a formação de indivíduos que exemplificariam os caminhos neoliberais (Bhatia & Priya), , 2018; Klein, 2017b). Proponentes do neoliberalismo nos EUA e no Reino Unido Pykett, & Whitehead, 2013; McMahon, 2015). Talvez o mais revelador seja que grupos politicamente conservadores, instituições econômicas e outros proponentes do neoliberalismo forneceram apoio generoso às perspectivas da ciência psicológica (como o movimento da psicologia positiva, que enfatiza o crescimento pessoal e o afeto positivo como metas pessoais essenciais; Binkley, 2014; Ehrenreich, 2009) que fornecem conhecimento que sustenta os objetivos neoliberais. Pykett, & Whitehead, 2013; McMahon, 2015). Talvez o mais revelador seja que grupos politicamente conservadores, instituições econômicas e outros proponentes do neoliberalismo forneceram apoio generoso às perspectivas da ciência psicológica (como o movimento da psicologia positiva, que enfatiza o crescimento pessoal e o afeto positivo como metas pessoais essenciais; Binkley, 2014; Ehrenreich, 2009) que fornecem conhecimento que sustenta os objetivos neoliberais.

Em outros casos, as formas hegemônicas da ciência psicológica contribuíram mais diretamente para a reprodução dos sistemas neoliberais. Para ser claro, não sugerimos que os psicólogos necessariamente pretendam, de alguma forma deliberada, contribuir para os sistemas neoliberais, e reconhecemos que eles muitas vezes podem desejar que seu trabalho sirva a objetivos opostos. E, no entanto, independentemente da intenção ou da consciência, os psicólogos podem contribuir involuntariamente para a reprodução dos sistemas neoliberais, mesmo quando explicitamente desejam o contrário, na medida em que seu trabalho promove os caminhos neoliberais que observamos na seção anterior.

### *Abstração Radical*

As formas hegemônicas da ciência psicológica não documentam meramente a abstração neoliberal da experiência do contexto social e material. Em vez disso, eles reproduzem e amplificam essa abstração por meio da escolha de métodos e raízes no individualismo ontológico (Stryker, 1997).

*Abstração metodológica.* Práticas metodológicas de psicologia a ciência é um local especialmente poderoso para a abstração individualista neoliberal.

Como os psicólogos culturais têm argumentado (por exemplo, Shweder, 1990), os desenvolvimentos metodológicos têm incentivado cada vez mais os psicólogos a focalizar a pesquisa e a explicação em respostas fenomenológicas isoladas (ou mesmo neurológicas) de indivíduos de maneiras que abstraem fenômenos sociais complexos do contexto cultural e histórico. A ciência psicológica hegemônica se desenvolveu em uma ciência da *variáveis* (Schiff, 2017) se comprometeu a extrair mecanismos e processos universais do “ruído” da experiência contextual multideterminada (Shweder, 1990). Cientistas psicológicos que trabalham em tradições hegemônicas geralmente têm grande reverência pelo ambiente artificial do laboratório experimental porque fornece controle e relativa precisão de observação e medição. No entanto, esse controle e precisão equivalem a práticas de abstração que retiram o conteúdo e pretendem transcender as fronteiras temporais e espaciais.

Tornou-se um lugar comum observar que o conhecimento padrão na ciência psicológica hegemônica tem sua base em ambientes culturais ESTRANHOS (Henrich et al., 2010). A teoria e a pesquisa em psicologia hegemônica normalmente ignoram as experiências da maioria global não ESTRANHA ou assimilam suas experiências a categorias culturais ESTRANHAS. Além da abstração geográfica, as abordagens dominantes também promovem uma orientação temporal em direção a um suposto presente universal. Os psicólogos que trabalham com essas abordagens tendem a empregar dados históricos em um sentido nomotético (e não idiográfico). Os teóricos apontam para exemplos históricos apenas para demonstrar a suposta universalidade de algum fenômeno.

Conectada a essas tendências metodológicas desterritorializantes e a-históricas, está a ênfase na ciência objetiva e “neutra em valor”. Nos últimos anos, alguns psicólogos argumentaram que os pesquisadores deveriam construir estudos de tal forma que pudessem dar peso igual a uma variedade de resultados possíveis com implicações políticas distintas (Stevens, Jussim, Anglin, & Honeycutt, 2018; Washburn et al., 2015). Embora enquadrado como um pedido justificável por maior objetividade, as tentativas de eliminar os observadores e seus valores do processo de pesquisa muitas vezes neutralizam a capacidade da pesquisa de enfrentar diretamente as forças políticas e as injustiças sociais que a motivaram em primeiro lugar (Deleuze, 1983; Sears, 1994). Em vez de uma visão sem posição do nada,

*Individualismo ontológico.* De acordo com Markus e Kitayama (1994), a psicologia social sofre de um “medo coletivo do coletivo”: uma postura avaliativa que considera as dependências grupais e situacionais como a raiz da maioria dos males. Essa postura avaliativa retrata obediência, conformidade e influência social como o “lado escuro” do potencial da humanidade, em vez de características da psicologia humana.

que possibilitam os benefícios da vida social e cultural. Tende a valorizar a racionalidade de indivíduos de pensamento livre e documentar como mentes de grupo, multidões e influência social comprometem essa racionalidade (Greenwood, 2004). Essa postura avaliativa pode ter raízes na preocupação justificável com a cumplicidade de cidadãos esclarecidos no autoritarismo e atrocidades em massa, mas o ponto para os propósitos presentes é que essa postura avaliativa ressoa claramente com o desdém pela cidadania pública que é uma característica fundamental do individualismo neoliberal.

Além de uma postura avaliativa que denigre a sociabilidade, a ciência psicológica contribui para a abstração neoliberal por meio de uma *individualismo ontológico*—a redução dos fenômenos socioculturais aos atos agregados de indivíduos inerentemente independentes – que informa tanto a teoria quanto o método (Stryker, 1997). Um exemplo particularmente consequente dessa forma de abstração é a maneira pela qual a ciência psicológica aborda o racismo e outras manifestações de opressão estrutural. Em vez de definir o racismo como um conjunto de padrões culturais – estruturas de crença e afeto, manifestadas em práticas institucionais e realidades materiais, os psicólogos tendem a abordar o racismo como produto de preconceitos individuais (Adams, Biernat, Branscombe, Crandall, & Wrightsman, 2008; Gordon, 2015). Essa construção do racismo como viés individual é evidente tanto em relatórios de pesquisa quanto em recursos educacionais (por exemplo, livros didáticos; Adams, Edkins, Lacka, Pickett e Cheryan, 2008). Uma consequência dessa construção é minimizar o problema; em vez de uma questão de injustiça histórica e violência material, o racismo torna-se um problema mais restrito de preconceito individual que constitui uma questão social menos urgente e requer medidas menos rigorosas para resolver. Outra consequência é transformar os esforços antirracismo em intervenções de redução de preconceitos. Ou seja, a construção do racismo como viés individual orienta os esforços de remediação para mudar corações e mentes ou produzir harmonia intergrupal, em vez de tentativas de restaurar a justiça e derrubar um status quo racista (Dixon, Tropp, Durrheim, & Tredoux, 2010; Hammack, 2011; Wetherell, 2012). o racismo torna-se um problema mais restrito de preconceito individual que constitui uma questão social menos premente e requer medidas menos rigorosas para resolver. Outra consequência é transformar os esforços antirracismo em intervenções de redução de preconceitos. Ou seja, a construção do racismo como viés individual orienta os esforços de remediação para mudar corações e mentes ou produzir harmonia intergrupal, em vez de tentativas de restaurar a justiça e derrubar um status quo racista (Dixon, Tropp, Durrheim, & Tredoux, 2010; Hammack, 2011; Wetherell, 2012). o racismo torna-se um problema mais restrito de preconceito individual que constitui uma questão social menos premente e requer medidas menos rigorosas para resolver. Outra consequência é transformar os esforços antirracismo em intervenções de redução de preconceitos. Ou seja, a construção do racismo como viés individual orienta os esforços de remediação para mudar corações e mentes ou produzir harmonia intergrupal, em vez de tentativas de restaurar a justiça e derrubar um status quo racista (Dixon, Tropp, Durrheim, & Tredoux, 2010; Hammack, 2011; Wetherell, 2012).

Além de construir o racismo como um problema de preconceito individual, a teoria e a pesquisa psicológica dominante amplificam o individualismo neoliberal ao patologizar a percepção do racismo. Pesquisas mostram consistentemente que pessoas de grupos raciais historicamente marginalizados tendem a perceber maior racismo na sociedade americana do que os americanos brancos. Pode-se entender tais tendências de percepção do racismo como uma vigilância razoável sobre a perigosa realidade do racismo social. Em vez disso, as perspectivas hegemônicas da ciência psicológica, desproporcionalmente informadas pelas sensibilidades raciais brancas, tendem a retratar essas tendências como consciência (excessiva) do estigma (Pinel, 1999), (super) sensibilidade sobre a rejeição (Mendoza-Denton, Downey, Purdie, Davis, & Pietrzak, 2002), ou outras formas de “bagagem perceptiva” (Johnson, Simmons, Trawalter, Ferguson, & Reed, 2003, p. 621). Além disso, as perspectivas hegemônicas tendem a culpar essas tendências – em vez da vida em uma sociedade racista – como a fonte de estresse indevido, baixo desempenho, danos sociais.

relacionamentos e redução do bem-estar (Anglin, Greenspoon, Lighty, & Ellman, 2016; Orom, Sharma, Homish, Underwood, & Homish, 2017).

Pode-se argumentar que as tendências para minimizar ou ignorar o racismo são adaptativas ou conducentes ao bem-estar na medida em que permitem que as pessoas administrem a ansiedade e permaneçam abertas a oportunidades interpessoais e profissionais que a preocupação com o racismo pode inibir. Essa resposta ajuda a iluminar outra manifestação da ontologia individualista na ciência psicológica hegemônica que reflete e reproduz a abstração neoliberal: uma concepção de bem-estar que enfatiza o benefício (de curto prazo) para os indivíduos sem levar em conta o contexto temporal e social. As tendências para ignorar o racismo podem permitir a persistência e a realização individual diante da adversidade, mas também têm consequências negativas. Ao nível do bem-estar individual, a prescrição de minimizar a ameaça do racismo e persistir diante da adversidade racista contribui para formas de responsabilização neoliberal como o “John Henryism”: tendências contraproducentes de exercer um esforço sobre-humano para superar as barreiras estruturais que, a longo prazo, minam a saúde por meio de exaustão (Bennett et al., 2004). De maneira mais geral, a busca do bem-estar individual por meio de uma adaptação ou ajuste bem-sucedido às realidades racistas deixa intactas essas realidades opressivas e a ameaça contínua que elas representam para a pessoa e as comunidades mais amplas. Em vez de uma estratégia de ajuste individual a realidades insalubres, uma concepção mais sociocultural de bem-estar sugere estratégias de “desajuste criativo” (King, 1968; ver também Adams, Salter, Kurtiş, Naemi, & Estrada-Villalta, 2018; Allen & Lixiviar,

Finalmente, este exemplo ajuda a ilustrar um ponto que levantamos anteriormente sobre a tendência de apelos à neutralidade de valor para forçar a assimilação a um ponto de vista epistêmico ESTRANHO. Quem pode dizer quais visões (por exemplo, sobre a extensão do racismo) refletem melhor a realidade objetiva? As crenças sobre a realidade objetiva podem variar de acordo com a localização social, e o que uma instituição trata como razoável ou objetivo é muitas vezes mais sobre o poder de impor uma construção coletiva da realidade do que a percepção direta dessa realidade. Nos termos do presente exemplo, esse raciocínio sugere que o consenso científico sobre o verdadeiro nível de racismo não é uma leitura neutra ou objetiva da realidade, mas repousa sobre uma base epistêmica associada à experiência racial branca que constitui desproporcionalmente a ciência. Na medida em que os observadores fazem julgamentos em termos desse padrão, eles provavelmente deslegitimam as alegações de racismo social e minam as motivações para abordá-lo. Nesse e em outros casos, os apelos à objetividade imparcial provavelmente construirão a neutralidade em termos enraizados (e tendenciosos) nas sensibilidades raciais brancas.

### *Auto Empreendedor*

Mais uma vez, a ciência psicológica não apenas documenta como o envolvimento com os sistemas neoliberais proporciona padrões habituais de um empreendedor.

auto. Em vez disso, a ciência psicológica reproduz e amplifica a emergência de um self empreendedor por meio de processos de essencialismo psicológico e responsabilização.

*Essencialismo psicológico.* O surgimento de uma auto-impressão empreendedora dobra algo como *essencialismo psicológico*: uma compreensão da mente e do comportamento como o produto de atributos individuais centrais que são a base definidora ou autêntica da trajetória de vida de uma pessoa (Fiske, Kitayama, Markus e Nisbett, 1998). Como parte do projeto de desenvolvimento pessoal, o eu empreendedor estimula tendências para descobrir, monitorar, avaliar, ampliar e cultivar importantes traços, habilidades ou outros atributos essenciais. Muitas características da ciência psicológica hegemônica não apenas proporcionam uma compreensão essencialista da pessoa como um conjunto de atributos definidores, mas também fornecem ferramentas para medir esses atributos essenciais.

Uma importante manifestação da ciência psicológica que reflete e promove essa característica do eu empreendedor é a indústria de testes psicológicos. Um dos focos dos testes psicológicos é a avaliação de habilidades. A indústria de inteligência e outros testes de habilidade desempenhou um papel proeminente no desenvolvimento da ciência psicológica, e esta indústria continua a ser uma área de crescimento do campo (Croizet, 2008; Winston, 2018). Outro foco dos testes psicológicos é a avaliação de traços e interesses mais amplos. Empregadores, gerentes e profissionais de recursos humanos usam esses testes não apenas para selecionar pessoas com atributos desejados, mas também para orientar o desenvolvimento profissional em direções que correspondam aos objetivos organizacionais (Bhatia & Priya, 2018).

Mais uma vez, o ponto é que as práticas de testes psicológicos não se baseiam simplesmente, mas também reforçam e estendem uma compreensão neoliberal da pessoa como um conjunto de características e habilidades (Shweder, 1990). Por exemplo, Bhatia (2018) esclarece como as práticas de teste de personalidade e avaliação psicológica em empresas de tecnologia da informação e call centers da Índia moldam os jovens funcionários para se entenderem em termos de individualismo neoliberal e do eu empreendedor. Embora as tendências neoliberais resultantes possam ser produtivas no contexto industrial, elas colonizam e deslocam hábitos mentais e modos de ser (por exemplo, em relação à família, relacionamentos, aspirações) que podem ser mais geralmente adaptáveis à vida nas comunidades que esses trabalhadores habitam fora. no local de trabalho (Bhatia & Priya, 2018).

Além das questões de colonização mental, a prática generalizada de testes promove uma construção de habilidade como uma característica de pessoas individuais abstraídas do contexto. Desvia a atenção das forças socioculturais – barreiras que inibem o desempenho de pessoas de grupos marginalizados e andaimes que aprimoram o desempenho de pessoas de grupos dominantes – que estruturam sistematicamente o desempenho em tais testes e, assim, permitem a atribuição de diferenças socioculturais no desempenho a fatores naturais. déficits de habilidade. Independentemente da intenção ou consciência do praticante, a prática generalizada de testes de habilidade

serve para legitimar a desigualdade e justificar arranjos sociais hierárquicos (Croizet, 2011). Os defensores do neoliberalismo baseiam-se em tais interpretações de testes psicológicos para argumentar que a desigualdade econômica resulta de diferenças naturais de capacidade e legitimar cortes orçamentários em programas de bem-estar social que consideram fúteis, ineficientes ou até perniciosos (Winston, 2018).

*Responsabilidade.* Outra maneira pela qual a ciência psicológica amplia O self empreendedor se dá por meio da responsabilidade pessoal. Ao explicar fenômenos socialmente estruturados como o resultado de processos individuais, a ciência psicológica torna as pessoas responsáveis por seus resultados. Eles não apenas carregam o ônus de fazer coisas boas acontecerem, mas também devem assumir a culpa quando coisas ruins acontecem (Brown, 2006; McDonald, Gough, Wearing, & Deville, 2017).

Por exemplo, a ênfase nos processos internos como fonte de problemas de saúde não apenas obscurece o efeito das estruturas externas sobre os resultados da vida e o bem-estar, mas também torna as pessoas responsáveis por esses problemas. Isso é particularmente evidente em problemas de consumo excessivo (por exemplo, obesidade, abuso de substâncias, etc.). Padrões de explicação na ciência psicológica refletem e reproduzem a ideia de que tais problemas surgem de más escolhas e falta de força de vontade, e não da constituição sociocultural do desejo e do comportamento de consumo por meio da exposição onipresente à mídia publicitária e às práticas de marketing (McDonald et al., 2017).

A responsabilidade é evidente não apenas nas explicações padrão para a saúde e a doença, mas também nas explicações para o infortúnio em geral. Explicações sociais e científicas para o infortúnio tendem a construí-lo como resultado de más escolhas – por exemplo, ficar versus evacuar diante de uma tempestade catastrófica – ao invés de entender tais respostas como uma negociação com restrições sociais e materiais (Stephens, Hamedani, Markus, Bergsieker, & Eloul, 2009). Da mesma forma, discursos de responsabilidade individual moldam a compreensão da pobreza e da desigualdade econômica. Refletindo modelos neoliberais individualistas de mente e comportamento, as construções predominantes de crescimento econômico enfatizam características de indivíduos auto-interessados capazes de agir independentemente de seu contexto material e social (Klein, 2017b). A partir desta perspectiva, a escassez econômica é resultado de escolhas ruins e atributos deficientes, como motivação ou garra insuficientes (Duckworth, 2016), que se desviam do padrão individualista e requerem intervenções corretivas (Estrada-Villalta & Adams, 2018). Mais uma vez, os formuladores de políticas recorrem a essas interpretações para legitimar as políticas neoliberais, como quando o secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano dos EUA, Ben Carson, defendeu planos de desinvestimento em habitação pública, expressando a crença de que “a pobreza em grande medida também é um estado de espírito.” que os programas de bem-estar social perpetuam (Alcindor, 2017).

#### *Imperativo de crescimento*

As perspectivas hegemônicas da ciência psicológica têm sido um local primário para a reprodução do imperativo de crescimento neoliberal. Muitas teorias dentro

a psicologia social considera o crescimento e o desenvolvimento pessoal o auge da experiência humana, uma marca de bem-estar ideal. De fato, uma escala de bem-estar psicológico amplamente utilizada (Ryff et al., 2007) inclui a dimensão de Crescimento Pessoal (por exemplo, “Para mim, a vida tem sido um processo contínuo de aprendizado, mudança e crescimento”) como característica definidora, que os entrevistados nos Estados Unidos tendem a endossar nos níveis mais altos (Plaut, Markus e Lachman, 2009). Da mesma forma, o imperativo do crescimento é evidente na teoria da mentalidade de crescimento (Dweck, 2006): a crença de que qualidades individuais como inteligência não são capacidades fixas ou limitadas, mas são qualidades que um eu empreendedor pode cultivar e estender por meio de esforço e esforço. trabalhos. De maneira mais geral, o imperativo do crescimento é evidente na teoria do apego (Bowlby, 1988), teoria da autodeterminação (Ryan & Deci, 2017), teoria do fluxo (Csikszentmihalyi; 1990), teoria de ampliar e construir (Fredrickson, 2001) e abordagens de psicologia positiva de forma mais geral (por exemplo, Diener, 2000; Seligman, Steen, Park, & Peterson, 2005; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Comum a essas perspectivas é a ideia de que maior liberdade – seja autonomia no trabalho; novas experiências; ou relacionamentos de apoio, não controladores, que fornecem uma base segura para exploração — promove o florescimento individual, a realização pessoal, a realização dos sonhos e a realização do potencial. Como os estudiosos notaram da psicologia positiva (Cabanas, 2018; ver também Becker & Maracek, 2008), a ênfase no crescimento e na realização pessoal nessas influentes perspectivas teóricas não apenas reflete,

O imperativo de crescimento neoliberal é igualmente evidente nas concepções de *fortalecimento* que informam a ciência psicológica hegemônica. Escrevendo sobre esse tópico no contexto do feminismo, Rutherford (2018) observa como as perspectivas hegemônicas da ciência psicológica constroem o empoderamento das mulheres de maneiras – como autoconfiança, autogestão, liberdade de restrições sociais, controle sobre a própria vida e liberdade para traçar destino – que são consistentes não apenas com o individualismo neoliberal, mas também (e um tanto ironicamente) com o androcentrismo (Riger, 1993). A conexão com o androcentrismo ajuda a esclarecer como essa concepção de empoderamento pode ser contraproducente para a libertação feminista (e outras formas de) da opressão social. Embora o empoderamento neoliberal possa permitir que os indivíduos busquem suas aspirações, muitas vezes o faz à custa de uma maior interdependência e solidariedade (Dutt, Grabe, & Castro, 2015; Kurtiş, Adams, & Estrada-Villalta, 2016). Em vez de formas de constrangimento social que constituem um entrave ao crescimento individual e realizações espetaculares de poucos bem dotados, essas solidariedades mais amplas podem constituir a base para formas mais coletivas de empoderamento que criam as condições de possibilidade para um bem-estar mais amplo e sustentável. Para ser claro, o ponto aqui não é argumentar contra a libertação (por exemplo, do sofrimento ou da opressão), mas sim questionar até que ponto a construção neoliberal de libertação ou empoderamento evidente nas formas hegemônicas da ciência psicológica é verdadeiramente libertadora (e para quem; Kurtiş & Adams, 2015). essas solidariedades mais amplas podem constituir a base para formas mais coletivas de empoderamento que criam as condições de possibilidade para um bem-estar mais amplo e sustentável. Para ser claro, o ponto aqui não é argumentar contra a libertação (por exemplo, do sofrimento ou da opressão), mas sim questionar até que ponto a construção neoliberal de libertação ou empoderamento evidente nas formas hegemônicas da ciência psicológica é verdadeiramente libertadora (e para quem; Kurtiş & Adams, 2015). essas solidariedades mais amplas podem constituir a base para formas mais coletivas de empoderamento que criam as condições de possibilidade para um bem-estar mais amplo e sustentável. Para ser claro, o ponto aqui não é argumentar contra a libertação (por exemplo, do sofrimento ou da opressão), mas sim questionar até que ponto a construção neoliberal de libertação ou empoderamento evidente nas formas hegemônicas da ciência psicológica é verdadeiramente libertadora (e para quem; Kurtiş & Adams, 2015).



*Gerenciamento de Efeitos*

Finalmente, as perspectivas hegemônicas da ciência psicológica têm sido o principal local da ênfase neoliberal no sentimento (Teo, 2018). Um exemplo proeminente é a teoria da autodeterminação (e perspectivas semelhantes; ver Ryan & Deci, 2017). Baseada na experiência individualista neoliberal de liberdade da restrição material, a teoria da autodeterminação promove a sensação de que as pessoas devem buscar aspirações centrais que expressem seus esforços mais autênticos, além da compulsão da mera necessidade material. Nessa perspectiva, a força que direciona a busca da realização devem ser oportunidades para a plena autoexpressão e profundo envolvimento emocional associado a formas expressivas e românticas de individualismo (Bellah et al., 1985; Teo, 2018).

*Amor como realização.* Uma ênfase no individualismo neoliberal não praticamente equivalem a uma desvalorização do relacionamento. Em vez disso, o individualismo neoliberal constrói conexões – seja acasalamento/namoro, amigo ou relações pais-filhos como outro local para autoexpressão, autoexpansão (por exemplo, Aron et al., 1991, 2013) e busca de realização pessoal. Aqui, novamente, a ciência psicológica surge como um local primário para a (re)produção da relacionalidade neoliberal. A teoria e a pesquisa em psicologia social tendem a equacionar *relação* com as formas de acasalamento e namoro, e tendem a refletir e promover uma construção voluntarista dessas e de outras formas de relacionamento como produto da escolha (Adams et al., 2012). Essa construção está associada a tendências de escolha de conexões que proporcionem satisfação ideal (com o mínimo de constrangimento), busca de realização pessoal orientada para a promoção (versus garantia de apoio orientada para prevenção), ênfase em sentimentos e cuidado emocional (versus materialidade do cuidado; Coe, 2011) e investimento estreito na família nuclear (em vez de solidariedades mais amplas; Kurtiş & Adams, 2015; Salter & Adams, 2012). Consistente com as promessas neoliberais de realização pessoal, essas construções voluntaristas de amor e relacionamento podem liberar a minoria afortunada que é extraordinariamente bem dotada ou bem posicionada no mercado de relacionamento para obter resultados satisfatórios. No entanto, pesquisas sugerem que essas construções de amor são prejudiciais à maioria das pessoas com características mais comuns, que devem lutar para atrair e criar suas próprias conexões na ausência de vínculos ambientalmente proporcionados (Plaut, Adams, & Anderson, 2009; ver também Oishi & Kesebir, 2012).

*Movimento de autoestima.* Além de ser a ciência do amor, a psicologia a ogia também pode reivindicar ser a ciência da felicidade (Wilson, 1967; Diener & Seligman, 2002). Uma fonte da ênfase na felicidade e no afeto positivo na ciência psicológica foi o movimento de auto-estima que surgiu na década de 1970. Um tema central desse movimento era sentir-se bem consigo mesmo - em vez de, por exemplo, atender às próprias deficiências para direcionar melhor os esforços em

auto-aperfeiçoamento - é a chave para a realização bem-sucedida, relacionamentos, saúde e vida em geral. Outro tema central tem sido que a autoestima e a felicidade são questões de escolha e responsabilidade pessoal. São projetos individuais e não em grupo, e uma pessoa deve a si mesma ignorar o feedback dos inimigos que prejudicariam sua auto-estima.

Não negamos que sentir-se bem consigo mesmo é geralmente preferível ao contrário. Em vez disso, nosso ponto é reconhecer que essa ênfase da ciência psicológica hegemônica na alta auto-estima e no sentimento positivo reflete e reproduz a ênfase neoliberal na gestão do afeto. Ter uma alta avaliação global do próprio valor e uma visão positiva ou otimista constituem uma importante estratégia de sobrevivência em um mundo que, de acordo com os produtos culturais mais vendidos no auge do movimento da autoestima, exige que as pessoas *Seja seu próprio melhor amigo, e Aprenda a amar a si mesmo* (Maasen, Sutter e Duttweiler, 2007).

*Estudos da felicidade.* A ideia de que os indivíduos devem se sentir bem com seus ações e que sentir-se bem é um fim em si mesmo (Binkley, 2014; Wierzbicka, 1994) ganha força com a abundância de pesquisas na ciência psicológica dominante sobre felicidade, satisfação com a vida e bem-estar (por exemplo, Diener, Seligman, Choi, & Oishi, 2018). O caráter neoliberal dos estudos da felicidade na ciência psicológica hegemônica fica evidente não apenas na centralidade do tema, mas também nas construções predominantes da felicidade. Perspectivas hegemônicas da ciência psicológica tipicamente impõem uma construção individualista neoliberal da felicidade como um afeto positivo de alta excitação (Tsai, 2007). De acordo com esse padrão, não basta atingir o contentamento ou a ausência de sentimentos negativos; além do que, além do mais,

Embora essa busca de alta energia de afeto positivo de alta excitação possa ser adaptativa para o gerenciamento de afeto neoliberal, também tem desvantagens. Estudos qualitativos sugerem que as pessoas em uma variedade de ambientes neoliberais contemporâneos internalizam a culpa pela ansiedade e experiências negativas, desejando que pudessem ser mais hábeis em focar no positivo (Scharff, 2016; Sweet, 2018). Uma grande metanálise sugere que manter atitudes negativas em relação ao afeto negativo está fortemente associado à depressão (Yoon, Dang, Metz e Rottenberg, 2018). A demanda por afeto positivo demoniza e impõe silêncio aos desmancha-prazeres que ousam estragar a festa ao conscientizar sobre a injustiça (Ahmed, 2010). De particular relevância para os propósitos atuais, os críticos argumentam que a ênfase no afeto positivo de alta energia não está disponível para a maioria das pessoas no planeta (Becker & Maracek, 2008) e insustentável em nível pessoal e coletivo (Kjell, 2011). Ao prescrever afeto positivo de alta excitação, a ciência psicológica pode contribuir para o consumo excessivo, produção de desigualdade social e catástrofe ecológica.

### Resistindo ao neoliberalismo, descolonizando a psicologia

Em vez de um observador imparcial do neoliberalismo e suas consequências psicológicas, propusemos que a ciência psicológica é um importante local do neoliberalismo. Mais precisamente, propomos que a relação entre psicologia e *selfways* neoliberais é particularmente forte em formas hegemônicas de ciência psicológica com fundamentos epistêmicos em sociedades WEIRD. Essa relação pode ser menos evidente nas tradições da psicologia com fundamentos epistêmicos além dos cenários WEIRD. Essa qualificação é importante não apenas porque evita uma assimilação intelectualista imperialista dessas tradições à psicologia WEIRD, mas também porque essas tradições da psicologia podem fornecer inspiração e direção para pesquisadores e profissionais que desejam forjar uma ciência psicológica que resista ao neoliberalismo.

Uma ferramenta útil para teorizar a resistência ao neoliberalismo (em psicologia e outras) vem de várias perspectivas da “teoria do Sul” (TFTS; Comaroff & Comaroff, 2012; ver também de Sousa Santos, 2014). Uma tendência predominante no trabalho acadêmico é considerar as comunidades do mundo majoritário do Sul Global (e comunidades marginalizadas racialmente no Norte Global) meramente como locais periféricos para aplicação secundária da teoria básica. Em contraste, a ideia de TFTS centra a experiência das comunidades Majority-World como um local privilegiado para o desenvolvimento de teoria básica para explicar eventos em geral (inclusive no Norte Global).

As perspectivas da TFTS oferecem um ponto de vista epistêmico para descolonizar a psicologia: articular novas tradições intelectuais livres da conexão com os autós individualistas neoliberais (Fanon, 1961/1965, p. 316; ver também Adams, Dobles, Gomez, Kurtiş, & Molina, 2015). Uma estratégia decolonial *é indigenização*, em que pesquisadores de ambientes marginalizados recorrem ao conhecimento baseado no lugar (Tuck & McKenzie, 2015) para desviar a imposição de tradições de conhecimento hegemônicas (tipicamente ESTRANHAS) e sugerir hábitos mentais e maneiras de estar mais sintonizado com as realidades locais. Se o neoliberalismo encontra terreno fértil nos caminhos individualistas que informam a ciência psicológica hegemônica, então as tradições de conhecimento indígenas em ambientes onde os caminhos mais relacionais ou interdependentes são proeminentes podem ser uma importante fonte de alternativas para uma psicologia neoliberal (Liu, 2015; Tomlinson & Lipsitz, 2013b).).

No entanto, o valor das perspectivas indígenas e outras racialmente marginalizadas como ferramenta decolonial não é simplesmente produzir melhor conhecimento para aplicação em comunidades associadas. Em ressonância com a ideia de TFTS, o potencial decolonial do conhecimento indígena aumenta dramaticamente quando se volta a lente analítica, aplica-se *adesnaturalizar* suposições tidas como certas sobre tendências supostamente naturais dos seres humanos em geral.

Como exemplo, considere novamente a ênfase psicológica neoliberal na liberdade e no crescimento. Perspectivas da teoria decolonial (eg, Grosfoguel, 2002;

Mignolo, 2011), enraizados em pontos de vista epistêmicos do Sul Global, enfatizam que a liberdade de constrangimento associada à busca individualista neoliberal de crescimento não é politicamente inocente. Em vez disso, as sociedades do Norte Global obtiveram essa liberdade por meio da apropriação de terras, recursos e trabalho de outros ao longo dos últimos 500 anos de dominação global eurocêntrica. A violência necessária para tornar possível essa liberdade de constrangimento para alguns, enquanto impõe condições intoleráveis a outros, é uma razão para questionar a ênfase psicológica neoliberal no crescimento e expansão pessoal (Adams, Estrada-Villalta, & Gómez Ordoñez, 2018).

Ainda assim, a violência associada à liberdade e ao crescimento neoliberais não se trata simplesmente da distribuição desigual de oportunidades para aproveitá-las. De modo mais geral, as perspectivas decoloniais argumentam que o exercício da liberdade neoliberal e do crescimento pela minoria global privilegiada reproduz a violência colonial por meio da produção de desigualdade e degradação ecológica que suscita preocupações sobre o bem-estar sustentável. Em um sentido sincrônico, é improvável que todas as pessoas que atualmente habitam o planeta possam ter acesso aos recursos necessários para alimentar a receita do crescimento psicológico neoliberal (Becker & Maracek, 2008). Em um sentido diacrônico, há indicações de que os atuais padrões de consumo estimulados pelo desejo de crescimento pessoal estão levando as sociedades da Terra a um iminente platô ecológico, significando que esses modos de ser não serão possíveis para as gerações futuras (ou mesmo versões mais antigas do nosso eu atual; Adams & Estrada-Villalta, 2017; Trawick & Hornborg, 2015). Simplificando, os pontos de vista epistêmicos do Sul Global iluminam a possibilidade de que esses temas centrais da ciência psicológica hegemônica não são apenas naturalmente bons, mas reproduzem a violência associada ao colonialismo e à supremacia branca (Adams et al., 2018).

Além da indigenização e da desnaturalização, uma terceira estratégia decolonial é *acompanhamento*, em que pesquisadores descem de suas torres de marfim e trabalham ao lado de habitantes de comunidades marginalizadas em suas lutas por justiça social (Tomlinson & Lipsitz, 2013a; Watkins, 2015). A força decolonial das abordagens de acompanhamento é a ênfase no engajamento embutido em vez de pesquisa “básica” ou conhecimento “puro” abstraído do contexto social e histórico. Enquanto a ciência psicológica hegemônica reproduz a abstração neoliberal por meio da ênfase na quantificação, no método experimental e no controle laboratorial (Shweder, 1990), os proponentes da abordagem de acompanhamento argumentam que ela oferece resistência à abstração neoliberal – e se aproxima da verdade – por meio de métodos participativos e baseados no lugar. pesquisa que leva a sério particularidades de contexto e conteúdo (Segalo, Manoff, & Fine, 2015).

Para os leitores que desejam recomendações práticas para resistir ao neoliberalismo, essas estratégias decoloniais fornecem um senso de direção. A estratégia de acompanhamento recomenda o envolvimento com outros na criação de solidariedade comunitária. A estratégia de indigenização recomenda o compromisso de educar-se sobre as múltiplas tradições de conhecimento. A estratégia de desnaturalização recomenda que um

recorrer a essas tradições não (apenas) para entender os “Outros” culturais, mas (ao invés) como pontos de vista a partir dos quais se aprecia a própria experiência em relação ao contexto cultural e histórico. Embora passos relativamente modestos, o objetivo é promover a desobediência epistêmica (Mignolo, 2009) e desajuste criativo (King, 1968) aos sistemas neoliberais que promovem respostas atomísticas a problemas coletivos.

### Referências

- Adams, G., Anderson, SL, & Adonu, JK (2004). A base cultural da proximidade e da intimidade. Em DJ Mashek & A. Aron (Eds.), *Manual de proximidade e intimidade* (pp. 321-339). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Adams, G., Biernat, M., Branscombe, NR, Crandall, CS, & Wrightsman, LS (2008). Além Preconceito: Rumo a uma psicologia sociocultural do racismo e da opressão. Em G. Adams, M. Biernat, NR Branscombe, CS Crandall, & LS Wrightsman (Eds.), *Comemorando Brown: A psicologia social do racismo e da discriminação* (pp. 215-246). Washington, DC: Associação Americana de Psicologia.
- Adams, G., Dobles, I., Gómez, LH, Kurtiş, T., & Molina, LE (2015). Descolonizando o psicológico ciência: Introdução à seção temática especial. *Revista de Psicologia Social e Política*, 3, 213-238. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.564>
- Adams, G., Edkins, V., Lacka, D., Pickett, KM, & Cheryan, S. (2008). Ensinando sobre o racismo: Implicações perniciosas do retrato padrão. *Psicologia Social Básica e Aplicada*, 30, 349-361. <https://doi.org/10.1080/01973530802502309>
- Adams, G., & Estrada-Villalta, S. (2017). Teoria do Sul: Uma abordagem decolonial à psicologia da desigualdade global. *Opinião Atual em Psicologia*, 18, 37-42. <https://doi.org/10.1016/j.copsys.2017.07.031>
- Adams, G., Estrada-Villalta, S., & Gomez, LH (2018). A modernidade/colonialidade do sering: Psicologia hegemônica como relações interculturais. *Revista Internacional de Relações Interculturais: Edição Especial sobre o Passado Colonial e as Relações Intergrupais*, 62, 13-22. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2017.06.006>
- Adams, G. & Kurtis T. (2018). Contexto em pessoa, pessoa em contexto: uma abordagem de psicologia cultural à psicologia da personalidade social. Em K. Deaux & M. Snyder (Eds.), *O manual de Oxford de personalidade e psicologia social* (2 edição). Nova York: Oxford University Press.
- Adams, G., Kurtiş, T., Salter, PS, & Anderson, SL (2012). Uma psicologia cultural do relacionamento: Descolonizando a ciência e a prática. Em O. Gillath, G. Adams, & AD Kunkel (Eds.), *Ciência do relacionamento: integrando as abordagens evolucionária, neurocientífica e sociocultural* (pp. 49-70). Washington, DC, EUA: American Psychological Association.
- Adams, G., & Markus, HR (2004). Para uma concepção de cultura adequada a uma psicologia social de cultura. Em M. Schaller & CS Crandall (Eds.), *Os fundamentos psicológicos da cultura* (págs. 335-360). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Adams, G., & Salter, PS (2019). Eles (cor) me cegaram com a ciência: Contrariando a colonialidade da conhecimento em psicologia hegemônica. Em K. Crenshaw, L. Harris, DM HoSang, & G. Lipsitz (Eds.), *Vendo a corrida novamente: Combatendo o daltonismo em todas as disciplinas* (pp. 271-292). Berkeley, CA: University of California Press
- Adams, G., Salter, PS, Kurtiş, T., Naemi, P., & Estrada-Villalta, S. (2018). Conhecimento subordinado como uma ferramenta para desajuste criativo e resistência à opressão racial. *Jornal de Questões Sociais*, 74, 337-354. <https://doi.org/10.1111/josi.12272>
- Ahmed, S. (2010). *A promessa de felicidade*. Durham, Carolina do Norte: Duke University Press.
- Alcindor, Y. (2017). Ben Carson chama a pobreza de um estado de espírito, desencadeando uma reação. *Nova Iorque Horários* Edição on-line. Recuperado de [https://www.nytimes.com/2017/05/25/us/politics/bencarson-poverty-hud-state-of-mind.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2017/05/25/us/politics/bencarson-poverty-hud-state-of-mind.html?_r=0)

- Allen, AM e Leach, CW (2018). A psicologia do "mal criativo" de Martin Luther King Jr. ajuste" na injustiça e opressão da sociedade. *Jornal de Questões Sociais*, 74, 317-336. <https://doi.org/10.1111/josi.12271>
- Anderson, B. (2016). Efeitos neoliberais. *Progresso na Geografia Humana*, 40, 734-753. <https://doi.org/10.1177/0309132515613167>
- Anglin, DM, Greenspoon, M., Lighty, Q., & Ellman, LM (2016). Sentido de rejeição baseado em raça sidade explica parcialmente a relação entre discriminação racial e sintomas psicóticos positivos atenuados angustiantes. *Intervenção Precoce em Psiquiatria*, 10, 411-418. <https://doi.org/10.1111/eip.12184>
- Arfken, M. (2018). Da resistência ao neoliberalismo à resistência neoliberalizante. *Teoria e Psicologia*, 28, 684-693. <https://doi.org/10.1177/0959354318800393>
- Aron, A., Aron, EN, Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Relacionamentos próximos, incluindo outros no eu. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 60, 241-253. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.2.241>
- Aron, A., Lewandowski, GW, Mashek, D., & Aron, EN (2013). O modelo de autoexpansão motivação e cognição em relacionamentos íntimos. Em JA Simpson & L. Campbell (Eds.), *O manual de Oxford de relacionamentos íntimos* (pp. 90-115). Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Bay-Cheng, LY, Fitz, CC, Alizaga, NM, & Zucker, AN (2015). Rastreado o homo oeconomicus: Desenvolvimento do inventário de crenças neoliberais. *Revista de Psicologia Social e Política*, 3, 71-88. <https://doi.org/10.5964/jpspp.v3i1.366>
- Becker, D., & Marecek, J. (2008). Sonhando o sonho americano: Individualismo e psicologia. *Bússola Psicologia Social e da Personalidade*, 2, 1767-1780. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00139.x>
- Bellah, RN, Madsen, R., Sullivan, WM, Swidler, A., & Tipton, SM (1985). *Hábitos do coração*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Bennett, GG, Merritt, MM, Sollers, JJ, III, Edwards, CL, Whitfield, KE, Brandon, DT, & Tucker, RD (2004). Estresse, enfrentamento e resultados de saúde entre afro-americanos: uma revisão da hipótese de John Henryism. *Psicologia e Saúde*, 19, 369-383. <https://doi.org/10.1080/0887044042000193505>
- Berlim, I. (1958). Dois conceitos de liberdade. Em I. Berlim (Ed.), *Quatro ensaios sobre a liberdade* (pp. 118-172). Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Bhatia, S. (2018). *Descolonizando a psicologia: globalização, justiça social e identidades juvenis indianas*. Nova York, NY: Oxford University Press.
- Bhatia, S., & Priya, KR (2018). Descolonizando a cultura: psicologia euro-americana e a formação de eus neoliberais na Índia. *Teoria e Psicologia*, 28, 645-668. <https://doi.org/10.1177/0959354318791315>
- Binkley, S. (2014). *Felicidade como empresa: um ensaio sobre a vida neoliberal*. Nova York: SUNY Press.
- Botti, S., & Iyengar, SS (2004). O prazer psicológico e a dor de escolher: quando as pessoas preferem escolher ao custo da satisfação do resultado subsequente. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 87, 312-326. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.87.3.312>
- Bowlby, J. (1988). *Uma base segura: apego pais-filhos e desenvolvimento humano saudável*. Novo York: Livros Básicos.
- Brown, W. (2006). Pesadelo americano: neoliberalismo, neoconservadorismo e desdemocratização. *Teoria Política*, 34, 690-714. <https://doi.org/10.1177/0090591706293016>
- Brown, S. & Lunt, P. (2002). Uma genealogia da tradição identitária social: Deleuze e Guattar e psicologia social. *Jornal Britânico de Psicologia Social*, 41, 1-23. <https://doi.org/10.1348/014466602165018>
- Cabanas, E. (2018). A psicologia positiva e a legitimação do individualismo. *Teoria e Psicologia*, 28, 3-19. <https://doi.org/10.1177/0959354317747988>
- Carey, RM e Markus, RH (2017). A classe social molda a forma e a função de relacionamentos e eus. *Opinião Atual em Psicologia*, 18, 123-130. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.08.031>
- Coe, C. (2011). O que é o amor? Materialidade do cuidado em famílias transnacionais ganenses. *Internacional Migração*, 49, 7-24. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2011.00704.x>

- Comaroff, J., & Comaroff, JL (2012). Teoria do Sul: Ou, como a Euro-América está evoluindo em direção à África. *Fórum Antropológico: Um Jornal de Antropologia Social e Sociologia Comparada*, 22, 113-131. <https://doi.org/10.1080/00664677.2012.694169>
- Croizet, JC (2008). A relação perniciosa entre avaliação de mérito e discriminação em Educação. Em G. Adams, M. Biernat, NR Branscombe, CS Crandall, & LS Wrightsman (Eds.), *Comemorando Brown: A psicologia social do racismo e da discriminação* (pp. 153-172). Washington, DC: Associação Americana de Psicologia.
- Croizet, JC (2011). O racismo da inteligência: como as práticas de testes mentais constituíram um forma institucionalizada de dominação do grupo. Em HL Gates (Ed.), *Manual de cidadania afro-americana*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Fluxo: A psicologia do desempenho ideal*. Nova York: Cambridge Jornal universitário.
- Davis, M. (2006). *planeta das favelas*. Nova York: Verso.
- de Sousa Santos, B. (2014). *Epistemologias do Sul: Justiça contra o epistemicídio*. Boulder, CO: Editoras Paradigmas.
- De La Fabián, R., & Stecher, A. (2017). A promessa de felicidade da psicologia positiva: uma nova forma de capital humano na governamentalidade neoliberal contemporânea. *Teoria e Psicologia*, 27, 600-621. <https://doi.org/10.1177/0959354317718970>
- Deleuze, G. (1983). *Nietzsche e a filosofia*. Tr. H. Tomlinson. Nova York: Universidade de Columbia
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2004). *Mil planaltos: capitalismo e esquizofrenia* (B. Massumi, Trans.). Londres: Continuum. (Publicação original de 1980.)
- Diener, E. (2000). Bem-estar subjetivo: A ciência da felicidade e uma proposta de índice nacional. *Psicólogo Americano*, 55, 34-43. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34>
- Diener, E., Seligman, MEP, Choi, H., & Oishi, S. (2018). Pessoas mais felizes revisitadas. *Perspectivas em Ciências Psicológicas*, 13, 176-184. <https://doi.org/10.1177/1745691617697077>
- Diener, E., & Seligman, MEP (2002). Pessoas muito felizes. *Ciência psicológica*, 13, 81-84. <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00415>
- Dixon, J., Tropp, LR, Durrheim, K., & Tredoux, CG (2010). "Deixe-os comer harmonia": Preconceito redução e as atitudes políticas de grupos historicamente desfavorecidos. *Direções Atuais na Ciência Psicológica*, 19, 76-80. <https://doi.org/10.1177/0963721410363366>
- Duckworth, A. (2016). *Garra: Paixão, perseverança e a ciência do sucesso*. Nova York: Aleatório Lar.
- Duménil, G., & Lévy, D. (2011). *A crise do neoliberalismo*. Cambridge, MA: Universidade de Harvard
- Dutt, A., Grabe, S., & Castro, M. (2015). Explorando as ligações entre a propriedade de empresas das mulheres e empoderamento entre as mulheres Maasai na Tanzânia. *Análises de Questões Sociais e Políticas Públicas*, 16, 363-386. <https://doi.org/10.1111/asap.12091>
- Dweck, CS (2006). *Mindset: A nova psicologia do sucesso*. Nova York, NY: Random House.
- Ehrenreich, B. (2009). *Lado positivo: como o pensamento positivo está minando a América*. Nova Iorque: Livros Metropolitanos.
- Esposito, R. (2013). *Termos do político: Comunidade, imunidade, biopolítica* (RN Welch, Trans.). Nova York, NY: Fordham University.
- Estrada-Villalta, S., & Adams, G. (2018). Descolonizando o desenvolvimento: uma abordagem decolonial ao psicologia da desigualdade econômica. *Questões Transacionais na Ciência Psicológica*, 4, 198-209. <https://doi.org/10.1037/tps0000157>
- Fanon, F. (1965). *Os miseráveis da terra* (C. Farrington, Trans.). Nova York, NY: Grove Press. (Trabalho original publicado em 1961).
- Fiske, AP, Kitayama, S., Markus, HR, & Nisbett, RE (1998). A matriz cultural da sociedade psicologia. Em D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *manual de psicologia social* (4ª edição, Vol. 2, pp. 915-981). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica* (G. Burchell, Trans.). Londres, Reino Unido: Palgrave Macmillan.
- Fredrickson, BL (2001). O papel das emoções positivas na psicologia positiva: a ampliação e construir a teoria das emoções positivas. *Psicólogo Americano*, 56, 218-226. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.218>

- Gane, N. (2014). Sociologia e neoliberalismo: uma história perdida. *Sociologia*, 48, 1092-1106. <https://doi.org/10.1177/0038038513512728>
- Gershon, I. (2011). agência neoliberal. *Antropologia atual*, 52, 537-555. <https://doi.org/10.1086/660866>
- Gordon, LN (2015). *Do poder ao preconceito: a ascensão do individualismo racial na América de meados do século*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Graeber, D. (2014). *Dívida: Os primeiros 5.000 anos*. Nova York: Melville House.
- Greenfield, PM (2013). A mudança na psicologia da cultura de 1800 a 2000. *Psicológica Ciência*, 24, 1722-1731. <https://doi.org/10.1177/0956797613479387>
- Greenwood, JD (2004). *O desaparecimento do social da psicologia social americana*. Nova York: Cambridge University Press.
- Grosfoguel, R. (2002). Diferença colonial, geopolítica do conhecimento e colonialidade global no sistema-mundo capitalista moderno/colonial. *Revisão (Centro Fernand Braudel)*, 25, 203-224. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/40241548>
- Hammack, PL (2011). *Narrativa e a política de identidade: A psicologia cultural de Israel e juventude palestina*. Nova York: Universidade de Oxford.
- Harvey, D. (2005). *Uma breve história do neoliberalismo*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press. Henrich, J., Heine, SJ, & Norenzayan, A. (2010). As pessoas mais estranhas do mundo? *Comportamental e Ciências do cérebro*, 33, 61-83. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0999152X>
- Iyengar, SS (2010). *A arte de escolher*. Nova York, NY: Doze.
- Johnson, JD, Simmons, C., Trawalter, S., Ferguson, T., & Reed, W. (2003). Variação em Viés negro anti-branco e dicas de distanciamento do alvo: fatores que influenciam as percepções de comportamento "ambiguamente racista". *Boletim de Personalidade e Psicologia Social*, 29, 609-622. <https://doi.org/10.1177/0146167203029005006>
- Jones, R., Pykett, J., & Whitehead, M. (2013). *Mudança de comportamento: a ascensão do psicológico Estado*. Cheltenham, Reino Unido: Edward Elgar.
- Keefer, L., Stewart, SA, Palitsky, R., & Sullivan, D. (2017). Distanciamento tempo-espaço: uma análise empiricamente suporte integrador para a psicologia cultural do tempo e do espaço. *Tempo e Sociedade*, 28, 297-332.
- Kim, U., & Berry, JW (1993). *Psicologias indígenas: Pesquisa e experiência em contexto cultural*. Newbury Park, CA: Sage.
- King, Jr., ML (1968). O papel do cientista comportamental no movimento dos Direitos Civis. *americano Psicólogo*, 23, 180-186. <https://doi.org/10.1037/h0025715>
- Kjell, O. (2011). Bem-estar sustentável: uma potencial sinergia entre sustentabilidade e bem-estar pesquisa. *Revisão de Psicologia Geral*, 15, 255-266. <https://doi.org/10.1037/a0024603>
- Klein, E. (2017a). *Mentes em desenvolvimento: psicologia, neoliberalismo e poder*. Oxford, Reino Unido: Routledge.
- Klein, E. (2017b). O Banco Mundial sobre mente, comportamento e sociedade. *Desenvolvimento e Mudança*, 48, 481-501. <https://doi.org/10.1111/dech.12308>
- Kurtiş, T., & Adams, G. (2015). Descolonizando a libertação: em direção a uma psicologia feminista transnacional. *Revista de Psicologia Social e Política*, 3, 388-413. <https://doi.org/10.5964/jsp.p.v3i1.326>
- Kurtiş, T., Adams, G., & Estrada-Villalta, S. (2016). Descolonizando o empoderamento: implicações para o bem-estar sustentável. *Análises de Questões Sociais e Políticas Públicas*, 16, 387-391. <https://doi.org/10.1111/asap.12120>
- Lazzarato, M. (2015). *Governando por dívida*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Liu, J. (2015). Globalizando a psicologia indígena: uma forma do Leste Asiático de relacionamento hierárquico com implicações mundiais. *Jornal para a Teoria do Comportamento Social*, 45, 82-94. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12058>
- Maasen, S., Sutter, B., & Duttweiler, S. (2007). Autoajuda: A construção de eus neossociais no neoliberal sociedade. Em S. Maasen & B. Sutter (Eds.), *Sobre eus dispostos: a política neoliberal vis-à-vis o desafio neurocientífico* (pp. 25-52). Nova York: Palgrave Macmillan.
- Markus, HR, & Kitayama, S. (1994). Um medo coletivo do coletivo: Implicações para eus e teorias de eus. *Boletim de Personalidade e Psicologia Social*, 20, 568-579. <https://doi.org/10.1177/0146167294205013>
- Martin-Baró, I. (1994). *Escritos para uma psicologia da libertação*. Cambridge, MA: Universidade de Harvard



- McDonald, M., Gough, B., Wearing, S., & Deville, A. (2017). Psicologia social, cultura do consumo e a economia política neoliberal. *Jornal para a Teoria do Comportamento Social*, 47, 363-379. <https://doi.org/10.1111/jtsb.12135>
- McMahon, J. (2015). Economia comportamental como neoliberalismo: produzindo e governando *homo economicus*. *Teoria Política Contemporânea*, 14, 137-158. <https://doi.org/10.1057/cpt.2014.14>
- Mendoza-Denton, R., Downey, G., Purdie, VJ, Davis, A., & Pietrzak, J. (2002). Sensibilidade ao status-rejeição baseada: implicações para a experiência universitária de estudantes afro-americanos. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 83, 896-918. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.4.896>
- Mignolo, WD (2009). Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. *Teoria, Cultura e Sociedade*, 26(7-8), 159-181. <https://doi.org/10.1177/0263276409349275>
- Mignolo, WD (2011). *O lado mais sombrio da modernidade ocidental: Futuros globais, opções descoloniais*. Durham, Carolina do Norte: Duke University Press.
- Nafstad, HE, Blakar, RM, Carlquist, E., Phelps, JM, & Rand-Hendriksen, K. (2007). Ideologia e poder: A influência do neoliberalismo atual na sociedade. *Revista de Psicologia Social Comunitária e Aplicada*, 17, 313-327. <https://doi.org/10.1002/casp.931>
- Obschonka, M., Schmitt-Rodermund, E., Silbereisen, RK, Gosling, SD, & Potter, J. (2013). O distribuição regional e correlatos de um perfil de personalidade propenso ao empreendedorismo nos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido: Uma perspectiva socioecológica. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 105, 104-122. <https://doi.org/10.1037/a0032275>
- Oishi, S., Ishii, K., & Lun, J. (2009). Mobilidade residencial e condicionalidade da identidade de grupo: identificação. *Revista de Psicologia Social Experimental*, 45, 913-919. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2009.04.028>
- Oishi, S., & Kesebir, S. (2012). A estratégia ótima de rede social é uma função da condições econômicas. *Ciência psicológica*, 23(12), 1542-1548. <https://doi.org/10.1177/0956797612446708>
- Oishi, O., Miao, FF, Koo, M., Kisling, J., & Ratliff, KA (2012). Mobilidade residencial gera busca de familiaridade. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 102, 149-162. <https://doi.org/10.1037/a0024949>
- Oishi, S., Schug, J., Yuki, M., & Axt, J. (2015). A psicologia das mobilidades residenciais e relacionais. Em MJ Gelfand, C.-Y. Chiu, & Y.-Y. Hong (Ed.), *Manual de avanços em cultura e psicologia* (Vol. 5, pp. 221-272). Nova York, NY: Oxford University Press.
- Orom, H., Sharma, C., Homish, GG, Underwood, W., & Homish, DL (2017). Desconsciência da criminalidade e do estigma está associada a uma pressão arterial mais alta e hipertensão em homens pertencentes a minorias. *Journal of Racial and Ethnic Health Disparities*, 4, 819-826. <https://doi.org/10.1007/s40615-016-0284-2>
- Patall, EA, Cooper, H., & Robinson, JC (2008). Os efeitos da escolha na motivação intrínseca e resultados relacionados: uma meta-análise dos resultados da pesquisa. *Boletim Psicológico*, 134, 270-300. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.2.270>
- Pickren, NÓS (2018). Psicologia no imaginário social do neoliberalismo: crítica e além. *Teoria e Psicologia*, 28, 575-580. <https://doi.org/10.1177/0959354318799210>
- Pinel, EC (1999). Consciência do estigma: o legado psicológico dos estereótipos sociais. *Diário de Personalidade e Psicologia Social*, 76, 114-128. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.114>
- Plaut, VC, Adams, G., & Anderson, SL (2009). A atratividade compra a felicidade? Depende de onde você é. *Relações pessoais*, 16, 619-630. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01242.x>
- Plaut, VC, Markus, RH, & Lachman, ME (2002). Questões de lugar: características consensuais e regional variação no bem-estar e no self americano. *Revista de Personalidade e Psicologia Social*, 83, 160-184. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.1.160>
- Riger, S. (1993). O que há de errado com o empoderamento. *Jornal Americano de Psicologia Comunitária*, 21, 279-292. <https://doi.org/10.1007/BF00941504>
- Rutherford, A. (2018). Feminismo, psicologia e a generificação da subjetividade neoliberal. *ity: Da crítica à ruptura. Teoria e Psicologia*, 28, 619-644. <https://doi.org/10.1177/0959354318797194>
- Ryan, RM, & Deci, EL (2017). *Teoria da autodeterminação: necessidades psicológicas básicas na motivação, desenvolvimento e bem-estar*. Nova York: Guilford.

- Ryff, CD, Almeida, DM, Ayanian, JS, Carr, DS, Cleary, PD, Coe, C, . . . Willians, D. (2007). *Pesquisa nacional do desenvolvimento da meia-idade nos Estados Unidos (MIDUS II), 2004-2006: Documentação das construções psicossociais e variáveis compostas no Projeto MIDUS II 1*. Ann Arbor, MI: Consórcio Interuniversitário para Pesquisa Política e Social.
- Salter, PS, & Adams, G. (2012). Mãe ou esposa? Um conto de dilema africano e o psiquismo dinâmica ecológica da mudança sociocultural. *Psicologia Social, 42*, 232-242. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000124>
- Savani, K., Stephens, NM, & Markus, HR (2011). O imprevisto relacionamento interpessoal e social sequências de escolha: culpabilização da vítima e apoio reduzido para o bem público. *Ciência psicológica, 22*, 795-802. <https://doi.org/10.1177/0956797611407928>
- Savani, K., Markus, HR, Naidu, NVR, Kumar, S., & Berlia, V. (2010). O que conta como uma escolha? Os norte-americanos são mais propensos do que os indianos a interpretar as ações como escolhas. *Ciência psicológica, 21*, 391-398. <https://doi.org/10.1177/0956797609359908>
- Scharff, C. (2016). A vida psíquica do neoliberalismo: mapeando os contornos do sujeito empreendedor atividade. *Teoria, Cultura e Sociedade, 33*, 107-122. <https://doi.org/10.1177/0263276415590164>
- Schiff, B. (2017). *Uma nova narrativa para a psicologia*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Schug, J., Yuki, M., & Maddux, W. (2010). A mobilidade relacional explica entre e dentro diferenças culturais na auto-revelação para amigos íntimos. *Ciência psicológica, 21*, 1471-1478. <https://doi.org/10.1177/0956797610382786>
- Sears, DO (1994). Viés ideológico na psicologia política: a visão do inferno científico. *Político Psicologia, 15*, 547-556. <https://doi.org/10.2307/3791572>
- Segalo, P., Manoff, E., & Fine, M. (2015). Trabalhando com bordados e contra-mapas: Envoltente memória e imaginação em quadros descolonizadores. *Revista de Psicologia Social e Política, 3*, 342-364. <https://doi.org/10.5964/jsp.v3i1.145>
- Seligman, MEP, & Csikszentmihalyi, M. (2000). Psicologia Positiva: Uma introdução. *americano Psicólogo, 55*, 5-14. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>
- Seligman, ME, Steen, TA, Park, N., & Peterson, C. (2005). Psicologia positiva progresso: validação empírica de intervenções. *Psicólogo Americano, 60*, 410-421. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>
- Sen, A. (1999). *Desenvolvimento como liberdade*. Nova York: Oxford University Press.
- Shweder, RA (1990). Psicologia cultural: o que é? Em J. Stigler, R. Shweder, & G. Herdt (Eds.), *Psicologia cultural: Ensaios sobre o desenvolvimento humano comparado*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- Shweder, R., Minow, M., & Markus, H. (Eds.). (2002). *Envolvendo as diferenças culturais: o multiculturalismo desafio nas democracias liberais*. Nova York: Fundação Russel Sage.
- Stephens, NM, Hamedani, MG, Markus, HR, Bergsieker, HB, & Eloul, L. (2009). Por que eles "escolher" ficar? Perspectivas dos observadores e sobreviventes do furacão Katrina. *Ciência psicológica, 20*, 878-886. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2009.02386.x>
- Stevens, ST, Jussim, L., Anglin, SM, & Honeycutt, N. (2018). Influência direta e indireta influências da ideologia política nas percepções das descobertas científicas. Em BT Rutjens & MJ Brandt (Eds.), *Sistemas de crenças e percepções da realidade* (pp. 108-124). Nova York: Routledge.
- Stryker, S. (1997). "No princípio há sociedade": Lições de uma psicologia social sociológica. Em C. McGarty & SA Haslam (Eds.), *A mensagem da psicologia social* (pp. 315-327). Cambridge, MA: Blackwell.
- Sugarman, J. (2015). Neoliberalismo e ética psicológica. *Revista Teórica e Filosófica Psicologia, 35*, 103-116. <https://doi.org/10.1037/a0038960>
- Sweet, E. (2018). "Como você falhou na vida": Dívida, saúde e subjetividade neoliberal. *Ciências Sociais & Remédio, 212*, 86-93. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.07.017>
- Teo, T. (2018). Homo neoliberalus: Da personalidade às formas de subjetividade. *Teoria e Psicologia, 28*, 581-599. <https://doi.org/10.1177/0959354318794899>
- Tomlinson, B., & Lipsitz, G. (2013a). Estudos americanos como acompanhamento. *American Quarterly, 65*, 1-30. <https://doi.org/10.1353/aq.2013.0009>

- Tomlinson, B., & Lipsitz, G. (2013b). Espaços insubordinados para tempos imoderados: Contrariando o Pedagogias do Neoliberalismo. *Revisão de Educação, Pedagogia e Estudos Culturais*, 35, 3-26. <https://doi.org/10.1080/10714413.2013.753758>
- Thomson, R., Yuki, M., Talhelm, T., Schug, J., Kito, M., Ayanian, AH, . . . Visserman, ML (2018). A mobilidade relacional prevê comportamentos sociais em 39 países e está ligada à agricultura histórica e à ameaça. *Anais da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América*, 115, 7521-7526. <https://doi.org/10.1073/pnas.1713191115>
- Trawick, P., & Hornborg, A. (2015). Revisitando a imagem do bem limitado: Sobre sustentabilidade, termodinâmica: e a ilusão de criar riqueza. *Antropologia atual*, 56, 1-27. <https://doi.org/10.1086/679593>
- Triandis, HC (1995). *Individualismo e coletivismo*. Boulder, CO: Westview.
- Tsai, JL (2007). Afeto ideal: causas culturais e consequências comportamentais. *Perspectivas sobre a Psicologia ciência lógica*, 19, 242-259. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2007.00043.x>
- Tsai, JL, & Clobert, M. (2019). A cultura influencia na emoção: padrões estabelecidos e emergentes tendências. Em S. Kitayama & D. Cohen (Eds.), *manual de psicologia cultural*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Tuck, E., & McKenzie, M. (2015). *Lugar na pesquisa: Teoria, metodologia e métodos*. Nova Iorque: Routledge.
- Twenge, JM (2006). *Geração eu: Por que os jovens americanos de hoje são mais confiantes, assertivos, intitulado - e mais miserável do que nunca*. Nova York: Free Press.
- Washburn, AN, Morgan, GS, & Skitka, LJ (2015). Uma lista de verificação para facilitar a hipótese de pótese na pesquisa em psicologia social. *Ciências do Comportamento e do Cérebro*, 38, 1-58. <https://doi.org/10.1017/S0140525X14001435>
- Watkins, M. (2015). Acompanhamento psicossocial. *Revista de Psicologia Social e Política*, 3, 324-341. <https://doi.org/10.5964/jpspp.v3i1.103>.
- Wetherell, M. (2012). A problemática do preconceito. Em J. Dixon & M. Levine (Eds.), *Além do preconceito: Estendendo a psicologia social do conflito, desigualdade e mudança social* (pp. 158-178). Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- Wierzbicka, A. (1994). Emoção, linguagem e "roteiros culturais". Em S. Kitayama e RH Markus (Ed.), *Emoção e cultura: estudos empíricos de influência mútua* (pp. 133-196). Washington, DC: Associação Americana de Psicologia.
- Wilson, W. (1967). Correlatos de felicidade declarada. *Boletim Psicológico*, 67, 294-306. <https://doi.org/10.1037/h0024431>
- Winston, AS (2018). Neoliberalismo e QI: Naturalizando a desigualdade econômica e racial. *Teoria e Psicologia*, 28, 600-618. <https://doi.org/10.1177/0959354318798160>
- Yoon, S., Dang, V., Mertz, J., & Rottenberg, J. (2018). As atitudes em relação às emoções estão associadas com depressão? Uma revisão conceitual e meta-analítica. *Jornal de Distúrbios Afetivos*, 232, 329-340. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.009>

GLENN ADAMS é professor de psicologia na Universidade do Kansas, onde atua no Kansas African Studies Center. Seu trabalho atual baseia-se em pesquisas colaborativas em ambientes africanos e latino-americanos como um recurso para abordagens descoloniais da psicologia cultural.

SARA ESTRADA-VILLALTA é doutoranda no Departamento de Psicologia da Universidade de Kansas. Ela estuda os fundamentos socioculturais do eu e da identidade, bem como a relação entre identidade e atitudes sociais.

DANIEL SULLIVAN é professor assistente de psicologia na Universidade do Arizona. Ele estuda como as diferenças culturais moldam as experiências individuais de sofrimento e ameaça. Ele é o autor de *Psicologia Cultural-Existencial* (2016) da Cambridge University Press.

HAZEL ROSE MARKUS é professora Davis-Brack em ciências comportamentais na Universidade de Stanford e diretora do corpo docente da Stanford SPARQ. Sua pesquisa examina como as culturas moldam os eus e o papel dos eus na regulação do comportamento. Um livro recente é *Choque! Como prosperar em um mundo multicultural*.